
CARNE BOVINA: COMPATIBILIZAÇÃO ENTRE EXPORTAÇÃO E ABASTECIMENTO DO MERCADO INTERNO (1)

Luiz Moricochi (2)
Yuly Ivete Miazaki de Toledo

1 – INTRODUÇÃO

A carne bovina ocupa a quinta posição no comércio internacional de produtos agropecuários, sendo superada apenas pelo trigo, açúcar, milho e café. A carne bovina passou nos últimos anos a ser um dos principais produtos agrícolas na pauta de exportações brasileiras (além de café, soja, laranja e cacau), respondendo por cerca de 2,5% das divisas auferidas em 1982.

No contexto brasileiro, a carne bovina situa-se entre os mais valiosos produtos agropecuários, sendo que em 1983 ocupou o primeiro lugar em termos de participação na receita obtida pelo setor agrícola (3).

2 – PANORAMA MUNDIAL

2.1 - Principais Produtores

O mercado mundial de carne bovina movimentou, em 1984, cerca de 4,81 milhões de toneladas em equivalente carcaça, destacando-se como principais exportadores a Comunidade Econômica Européia (CEE), Austrália, Brasil, Nova Zelândia e Argentina (quadro 1). A CEE respondeu por 42% das exportações mundiais, seguida pela Austrália (13%), Brasil (11%) e Argentina (5%). Os maiores importadores são os países membros da CEE, os Estados Unidos (maior importador isolado), URSS, Japão, Egito e Canadá.

(1) Trabalho apresentado no *Congresso Paulista de Agronomia*, realizado em São Paulo, de 01 a 05 de julho de 1985, organizado pela Associação dos Engenheiros Agrônomos no Estado de São Paulo.

(2) Eng^o Agr^o, Pesquisador do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo.

(3) *Livestock And Poultry Situation*. Washington, Department of Agriculture, (13), Oct., 1984.

QUADRO 1. - Comércio Internacional de Carne Bovina, Principais Países, 1976-85

(em 1.000t)

Item	1976-80 (média)	1981	1982	1983	1984(1)	1985(2)
Importações						
EUA	988	799	888	885	838	839
Canadá	98	79	87	91	118	100
CEE(3)	1.461	1.444	1.496	1.567	1.476	1.502
CEE(4)	385	294	407	318	281	288
URSS	242	452	439	529	500	450
Japão	151	174	174	196	210	225
Outros países	707	706	614	574	546	529
Total(3)	3.647	3.654	3.698	3.842	3.688	3.645
Total (4)	2.571	2.458	2.609	2.593	2.493	2.431
Exportações						
EUA	64	100	115	125	152	167
Canadá	54	79	83	83	98	100
Argentina	603	486	522	415	248	250
Brasil	151	314	398	503	527	500
CEE(3)	1.381	1.733	1.551	1.686	1.999	2.104
CEE(4)	348	586	416	484	754	853
URSS	34	70	32	25	25	25
Austrália	996	703	942	767	575	630
Nova Zelândia	360	347	377	372	288	315
Outros países	647	688	699	749	651	723
Total(3)	4.291	4.520	4.719	4.725	4.563	4.814
Total(4)	3.258	3.338	3.543	3.420	3.291	3.564

(1) Dados preliminares.

(2) Previsão.

(3) Inclusive o comércio entre países da CEE.

(4) Exclusive o comércio entre países da CEE.

Fonte: Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) e Carteira de Comércio Exterior (CACEX).

Em 1985, a produção total de carnes deverá manter o tímido crescimento observado em 1984, com a demanda global estável, a despeito do esperado fortalecimento em determinados países do Leste Asiático e gradual recuperação na América Latina. Para a carne bovina, as previsões são de que a produção sofrerá ligeira retração, fixando-se em 41,7 milhões de toneladas (quadro 2).

Para os preços internacionais são esperados dois tipos de comportamento: nas principais regiões isentas da aftosa (Oceania, América do Norte e América Central), a tendência é de permanecer firme; já nos demais países exportadores (Brasil, Argentina e Uruguai), os preços deverão continuar reprimidos devido à forte concorrência entre estes e a CEE. Nesta, os estoques quase triplicaram de 1981 a 1984, elevando o total mundial para 1,78 milhão de toneladas (quadro 3) ⁽⁴⁾.

2.2 - Fatores Decisivos na Participação do Comércio Internacional

Um dos fatores decisivos no comércio internacional é o elevado estoque de carnes da CEE, o que obriga a reflexão sobre os condicionantes do mercado mundial de produtos agropecuários; são eles: a) política de industrialização dos países menos desenvolvidos, que tende a prestigiar a indústria em detrimento da agricultura. Essa política de industrialização pode provocar distorção nas rentabilidades relativas, diminuindo a vantagem comparativa de se produzir no setor agropecuário. No caso do Brasil, as indústrias de máquinas agrícolas e fertilizantes se desenvolveram graças a medidas protecionistas. Em função dessa política de industrialização, no caso dos fertilizantes, prevalecem níveis de preços acima daqueles que se verificam no mercado internacional, arcando os produtos brasileiros com os custos de implantação do parque industrial ⁽⁵⁾; b) crise do petróleo, taxa de juros e valorização do dólar americano. A crise do petróleo obrigou os países desenvolvidos não produtores de petróleo a se protegerem, transferindo para os países menos desenvolvidos os seus déficits em conta corrente. Devido à alta taxa de juros e à valorização do dólar, há a depreciação no valor das "commodities" no mercado pela preferência dos investidores em adquirir a moeda americana; e c) deliberada proteção da produção agropecuária nos países desenvolvidos, com o objetivo básico de manter e até mesmo elevar a renda dos agricultores, enquanto que para os países menos desenvolvidos o objetivo básico é o de aumentar a produção agrícola. Em várias circunstâncias, os instrumentos utilizados pelos países desenvolvidos acarretam conseqüências adversas para os países menos desenvolvidos, principalmente com respeito a produtos competitivos. Por outro lado, alguns desses países menos desenvolvidos têm seguido uma orientação desestimuladora das atividades agrícolas, através

⁽⁴⁾ Livestock And Poultry Situation. Washington, Department of Agriculture, (16), Mai. 1985.

⁽⁵⁾ Wedekin, Ivan & Zilbersztajn, Décio. *Agricultura e protecionismo*, jun. 1985. (Cadernos Agroceres, Série-Econômica e Agricultura, 3).

QUADRO 2. - Produção Mundial de Carne Bovina, Principais Países, 1976-85

(em 1.000t)

País	1976-80 (média)	1981	1982	1983	1984 ⁽¹⁾	1985 ⁽²⁾
Estados Unidos	11.043	10.353	10.425	10.748	10.929	10.589
Canadá	1.058	1.016	1.032	1.036	1.000	970
Argentina	2.996	2.929	2.579	2.384	2.570	2.670
Brasil	2.266	2.250	2.400	2.400	2.200	2.300
CEE	6.622	6.933	6.601	6.849	7.401	7.199
URSS	6.827	6.627	6.618	7.011	7.100	7.200
Austrália	1.897	1.420	1.677	1.389	1.241	1.270
Nova Zelândia	551	498	521	536	461	483
Outros	8.462	8.708	8.999	8.811	8.931	8.973
Total	41.652	40.734	40.852	41.164	41.833	41.654

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Previsão.

Fonte: Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

QUADRO 3. - Estoques Finais de Carne Bovina, Principais Países, 1981-85

(em 1.000t)

País	1981	1982	1983	1984	1985 ⁽¹⁾
CEE	303	364	568	836	813
Argentina	68	66	66	66	66
Brasil	106	104	224	154	184
Austrália	45	50	42	83	103
Estados Unidos	121	136	151	168	139
Outros	242	281	365	438	340
Total	930	1.034	1.441	1.777	1.676

⁽¹⁾ Previsão.

Fonte: Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

principalmente, de política de preços baixos de alimentos ⁽⁶⁾. Alguns analistas chamam esta situação até de paradoxal proteção da agricultura nos países desenvolvidos e penalização nos países em desenvolvimento. Como conseqüência, chega-se a uma situação em que a produção agropecuária em países industrializados é maior do que seria na ausência de proteção e nos países em desenvolvimento, menor do que deveria ser. Esse mecanismo de proteção ao setor agropecuário, nos países desenvolvidos, é mais transparente na CEE, onde desde 1962 está em vigor o programa denominado Política Agrícola Comum (PAC). De acordo com o PAC, mais de 70% da produção agropecuária está protegida ao mesmo tempo por mecanismos de suporte de preços internos e tarifas às importações.

Assim, a cada ano, é definido para cada produto um preço a nível de atacado para efeito de planejamento da produção e orientação dos demais segmentos do mercado. É o chamado preço-meta (target-price) ou preço-guia. Tendo como referência esse preço-guia, é estabelecido posteriormente o preço de suporte ou preço de intervenção, ao qual se realizam as compras governamentais quando as condições de mercado assim exigirem. No caso da carne bovina, esse preço-meta aumentou cerca de 90% entre 1972/73 e 1981/82 ⁽⁷⁾.

Com esses estímulos a CEE conseguiu passar de importante importador a maior exportador de carne bovina, de 1972 a 1983, graças a um crescimento anual de 22% em sua produção, contrastando com o crescimento de apenas 2% no consumo. Especificamente para a carne têm sido utilizados dois tipos de protecionismo: suporte de preços internos e proteção externa. O primeiro é acionado através da fixação de um preço meta, a partir do qual se define o preço suporte. Quando, por um certo período de tempo, os preços de mercado se situam abaixo desse preço suporte, o Governo passa a adquirir o produto.

O segundo funciona adicionando-se tarifas nas importações, subsídios e impostos nas exportações. Por exemplo, caso os preços mundiais venham a superar os preços internos da Comunidade é criado um imposto de exportação, objetivando isolar a CEE dos efeitos altistas do mercado.

Outros fatores conjunturais podem também influir na presença brasileira no comércio internacional de carne, quais sejam: a valorização do dólar americano e a recuperação do rebanho desestimulando as exportações australianas para 1985, a pressão da CEE forçando o Brasil, Uruguai e Argentina a procurar mercados na Ásia. Os preços mais baixos praticados pelos países da América do Sul levaram Hong Kong, Malásia e Cingapura a relaxar seu regulamento de controle de importações, possibilitando à carne sul-americana competir com a carne congelada australiana. Em contrapartida, a Austrália procura tratados bilaterais com os países importadores, através de acordos a longo prazo. Esta atitude também é de precaução contra as substituições de importações australianas na região do Pacífi-

⁽⁶⁾ Homem de Mello, Fernando B. O Brasil e o mercado internacional de carne bovina, milho e soja. *Agricultura em São Paulo, SP*, 21(3):1-40, 1974.

⁽⁷⁾ Op.cit. nota 5.

co (Japão, Coréia do Sul, Taiwan e Filipinas), pela carne bovina sueca. A Suécia conta com subsídios de 50% a 60% em suas exportações e poderá alterar o comércio, caso resolva redirecionar sua oferta do Mercado Europeu para a região do Pacífico, onde seus preços atualmente estão de 2% a 4% abaixo do similar australiano ⁽⁸⁾.

Políticas não especificamente direcionadas para produção de carne podem influenciar no equilíbrio do mercado. O abate de fêmeas leiteiras na CEE e Estados Unidos, em consequência do objetivo de reduzir a oferta de leite, leva a um aumento na oferta de carne bovina que, no caso dos Estados Unidos, representou de 3% a 5% do total observado em 1984.

3 – SITUAÇÃO DA PECUÁRIA NACIONAL

É consenso nos meios técnicos nacionais o reconhecimento de uma situação de baixo nível tecnológico comprovada pelos reduzidos índices zootécnicos apresentados (quadro 4) ^(9 e 10).

Há que se reconhecer no entanto que houve melhoria em alguns índices técnicos, como, por exemplo, a capacidade de suporte das pastagens. Em termos de Brasil, em 1960, a densidade das pastagens era de 0,33 UA/ha; em 1980, esse índice evoluiu para 0,53 UA/ha em função, sobretudo, da melhoria das pastagens. Dados oficiais indicam que a proporção de pastagem artificial em relação ao total subiu de 27% para 35% entre 1971 e 1980. Em São Paulo esse índice chega a mais de 70%.

O melhoramento das pastagens deve ser acompanhado de um manejo racional. Estudos recentes da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) mostraram que, mesmo em São Paulo, apenas 4,5% das empresas de pecuária de corte fazem o pastejo rotacionado, com utilização apenas parcial da capacidade de produção dos pastos ⁽¹¹⁾.

Como consequência do manejo inadequado, a produtividade é extremamente baixa, girando em torno de 11 a 12 quilos por hectare. Face a essa realidade não é de se estranhar a redução observada na área com pastagens em algumas regiões, em favor das atividades alternativas de maior rentabilidade.

⁽⁸⁾ The Reuters Meat Newsletter. London (16), Feb. 1985.

⁽⁹⁾ Martin, Nelson B. *Pecuária bovina de corte e custo de produção*. s.L., s.ed., 1980. (mimeografado)

⁽¹⁰⁾ Toyama, Nelson K.; Martin, Nelson B.; Tachizawa, Eduardo H. *Pecuária bovina de corte no Estado de São Paulo*. *Agricultura em São Paulo*, SP, 23(1):1-96, 1976.

⁽¹¹⁾ São Paulo. Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Coordenadoria de Assistência Técnica Integral. *Caracterização da bovinocultura de corte no Estado de São Paulo*. Campinas, CATI, 1985. (Documento Técnico, 58).

Os manejos sanitário e de reprodução bem como o melhoramento genético são pontos importantes a serem considerados num programa de desenvolvimento pecuário. Mas é principalmente o aspecto nutricional que deve ser enfatizado em qualquer programa visando melhor desempenho da pecuária, por ser o principal condicionante dos outros índices zootécnicos (eficiência reprodutiva, velocidade de crescimento, desfrute, etc). A alimentação inadequada é apontada como a principal causa da existência da fase de recria, cuja duração é de aproximadamente dois anos, na qual há um acréscimo de apenas 36% ao peso final. Supridas adequadamente as necessidades protéicas e energéticas, as fases de recria e engorda processar-se-ão simultaneamente reduzindo-se, conseqüentemente, a idade de abate para 30 meses, o que representa um grande avanço em relação aos 45 meses de hoje.

A despeito do menor risco oferecido pela atividade pecuária, a persistir esse perfil tecnológico, ela poderá ceder de forma mais rápida parte de suas áreas para a produção agrícola. Segundo dados da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), do total de 175 a 180 milhões de hectares em pastagens, estima-se que 60 milhões de hectares estão estabelecidos sobre solos indicados para o cultivo de cereais. Nas Regiões Sudeste e Sul, onde a pressão para o cultivo agrícola é maior, esse número é estimado em mais de 20 milhões de hectares. Poder-se-ia alegar que não há motivos para preocupações dessa natureza, uma vez que existem ainda no País muitas terras inaproveitadas e que poderiam ser incorporadas à pecuária, sobretudo nas regiões da fronteira. De fato, sem considerar grande parte da região da Amazônia, existem no País mais de 225 milhões de hectares de terras classificadas como sendo mais indicadas para pastagens. Entretanto, as restrições de ordem energética, que encarecem o custo de transporte, são um obstáculo à incorporação dessas áreas à economia de mercado, pelo menos a médio prazo. Ademais, há estudos indicando que os custos de abertura dessas regiões, incluindo a infra-estrutura social e produtiva, são bastante elevados, variando de 450 a 640 dólares/ha, o que mostra ser completamente inviável essa opção frente aos constrangimentos econômico-financeiros por que passa o País (12).

O fenômeno bastante conhecido entre técnicos e pecuaristas denominado de "ciclo da pecuária" tem sua amplitude tanto vertical como horizontal influenciada por uma série de fatores. Alguns são exógenos, ou seja, estão fora do controle do pecuarista, como por exemplo, ativos financeiros, nível de atividade econômica, controles discriminatórios, políticas cambiais, valorização do dólar e alta de juros no mercado mundial (13). A melhoria tecnológica poderia contribuir muito para atenuar essas variações cíclicas, dando estabilidade maior de renda a todos os segmentos da pecuária e dos que estariam dentro da esfera de decisão dos pecuaristas. A análise dos "ciclos da pecuária", no caso brasileiro, mostra que os patamares de preços de cada ciclo são alcançados em níveis cada vez mais

(12) Instituto de Pesquisas Tecnológicas. *Agricultura e produção de energia, avaliação do custo de matéria-prima para produção de álcool, fase 2*. São Paulo, IPT, 1981. v.4. (Relatório IPT, 16.226).

(13) Cardoso, Eliana A. *Economia brasileira ao alcance de todos*. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. 135p.

elevados em relação ao ciclo anterior. Preços reais crescentes não significam necessariamente uma melhoria na remuneração líquida do produtor. Podem significar, inclusive, que os pecuaristas estão produzindo carne a um custo cada vez maior, custo esse que é repassado ao consumidor. Há exemplos na agropecuária paulista de setores dinâmicos, cujos preços reais vêm caindo ao longo dos anos graças à incorporação de tecnologia. A avicultura de corte é um bom exemplo: em função de seu nível tecnológico, o índice de produção evoluiu de 100 para 235, entre 1975 e 1984, enquanto o de carne bovina subiu apenas 124 no mesmo período (quadro 5). Toda sociedade seria beneficiada se tal fenômeno ocorresse também no setor da pecuária.

4 – COMPATIBILIZAÇÃO DOS MERCADOS EXTERNO E INTERNO

A questão relevante é avaliar se o Brasil está ou não em condições de, ao mesmo tempo, atender os mercados externo e interno. O País tem hoje presença marcante no cenário mundial, como um dos principais exportadores de carne bovina, sendo inclusive o principal fornecedor de carne industrializada ⁽¹⁴⁾. Possui excelente infra-estrutura industrial, considerada uma das melhores do mundo.

O incremento das exportações brasileiras, principalmente a partir de 1983, foi possível através da maxidesvalorização do cruzeiro, com efeitos imediatos sobre o barateamento do preço do boi gordo expresso em dólar e devido à redução do consumo interno (quadro 6) ⁽¹⁵⁾.

Para analisar as possibilidades do Brasil continuar a exportar e ao mesmo tempo atender o consumo interno, faz-se mister estudar primeiramente a situação da produção e do consumo interno de carne bovina. Entretanto, só o conhecimento das condições internas não é suficiente, pois um país poderá ter excedentes exportáveis de carne e não conseguir colocá-los no mercado mundial.

Com relação ao primeiro ponto, sabe-se que o consumo "per capita" de carne bovina caiu substancialmente nos últimos anos em função da queda do poder aquisitivo da classe média. Há estudos ^(16 e 17) mostrando que, no período 1979-83, os salários, em média, tiveram uma perda real da ordem de 28%, sendo a classe de trabalhadores que ganha até 10 salários mínimos a mais sacrificada, classe essa responsável por mais de 60% do consumo de carne bovina.

⁽¹⁴⁾ Op.cit. nota 11.

⁽¹⁵⁾ Rossi, Maria C. & Farhi, Maryse. *A pecuária de corte no Brasil, análise e perspectivas 1985/86*. São Paulo, Incremento Commodities/Divisão de Análise e Mercado, 1985. 22p.

⁽¹⁶⁾ Op. cit. nota 13.

⁽¹⁷⁾ Conjuntura Econômica. Rio de Janeiro, FGV, 38(7), 1984.

QUADRO 4. - Indicadores Tecnológicos da Pecuária de Corte no Brasil e Estado de São Paulo, 1972-73

Indicador	Unidade	São Paulo	Brasil
Taxa de natalidade	%	60,00	50,00
Taxa de mortalidade	%	2,30	4,00
Taxa de mortalidade-bezerros	%	6,50	10,00
Taxa de desfrute	%	16,50	12,00
Idade de abate	mês	45	48-60
Peso de carcaça	kg	220	199
Relação touro-vaca	—	1:30	1:17

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA) e Escritório de Análise Econômica e Política Agrícola (EAPA)/SUPLAN/MA.

QUADRO 5. - Evolução dos Índices de Produção de Carnes Bovina, Suína e de Aves, Brasil, 1975-84

Ano	Bovina	Suína	Aves
1975	100	100	100
1976	121	112	104
1977	136	106	120
1978	129	112	148
1979	118	119	189
1980	116	125	207
1981	118	104	238
1982	134	102	259
1983	131	104	249
1984	124	91	235

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 6. - Produção e Exportação de Carne Bovina, Brasil, 1970-85

(em 1.000t)

Ano	Produção (A)	Exportação (B)	B/A (%)
1970	1.753	171,7	9,8
1971	1.746	205,4	11,8
1972	1.997	227,9	11,4
1973	2.035	134,3	6,6
1974	2.095	54,0	2,6
1975	2.157	47,7	2,2
1976	2.176	75,5	3,5
1977	2.445	217,0	8,9
1978	2.319	148,0	6,4
1979	2.114	118,0	5,6
1980	2.083	190,0	9,1
1981	2.115	315,0	14,9
1982	2.396	398,0	16,6
1983	2.353	500,0	21,2
1984	2.200	527,0	24,0
1985 ⁽¹⁾	2.300	600,0	26,0

(¹) Estimativas dos autores.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

Em 1984, o Brasil produziu cerca de 2,2 milhões de toneladas de carne bovina com um consumo "per capita" da ordem de 13kg e exportações de 527 mil toneladas. Um simples exercício aritmético mostra que se o consumo de hoje fosse o mesmo observado em 1979 ("per capita" de 21kg), seriam necessários cerca de 2,7 milhões de toneladas de carne bovina, ou seja, o País teria que importar 500 mil toneladas para atender o consumo. Extrapolando-se o mesmo raciocínio para os últimos cinco anos chega-se a um volume próximo a 1,8 milhão de toneladas que deveriam ser importadas. Isto é uma indicação de que o crescimento vertiginoso observado nas exportações se deu às custas de redução no consumo interno. No corrente ano, as exportações deverão ultrapassar a cifra de 600 mil toneladas, significando um crescimento anual superior a 25% nas exportações de carne bovina nos últimos cinco anos (em 1980 foram exportadas apenas 190 mil toneladas).

Diante do exposto, a conclusão óbvia é a de que o aumento da produção interna é a única forma de se conciliar simultaneamente os dois objetivos de atender o mercado interno e a exportação. Mas se a questão é essa, qual tem sido então o fator impeditivo para que ocorresse esse aumento de produção? Ao Governo tem sido atribuída a maior parte das responsabilidades, com sua atuação se caracterizando por uma série de erros, omissões, sendo, em alguns casos, até desastrosa. Como exemplo, têm-se contingenciamentos e os confiscos no passado e as políticas inadequadas de crédito.

A preocupação do Governo com os aspectos globais e macroeconômicos permite antever que o setor agropecuário, como o elo mais fraco do sistema, continuará transferindo rendas para outros setores da economia. Resta, pois, ao pecuarista o aumento da produção via incremento da produtividade. Argumenta-se que para se conseguir essa melhoria técnica seriam necessários vultosos recursos a juros subsidiados.

Há concordância apenas em parte com esse raciocínio, pois ganhos substanciais de produtividade poderiam ser conseguidos com pequenos custos adicionais. Maior atenção deveria ser dada ao problema da sanidade, ao controle de monta e ao manejo racional dos pastos, itens que oneram pouco a produção quando comparados com os benefícios decorrentes.

A tecnologia a ser adotada deve associar redução nos custos de produção com aumento da oferta. Assim, deve ser dada ênfase à questão de redução nos custos visando não só o atendimento do consumidor nacional, mas também o mercado externo onde vultosos subsídios são gastos para proteção dos pecuaristas.

5 – RECOMENDAÇÕES DE POLÍTICA PARA O SETOR

Conforme foi visto, grandes exportações de carne bovina foram realizadas nos últimos anos, graças à redução observada no consumo interno. Entretanto, a recuperação salarial que se esboça deverá fortalecer a demanda futura pela carne bovina.

Diante dessa perspectiva, torna-se necessário tomar medidas que redundem numa maior eficiência no setor pecuário e que levem a um aumento na produção de carne

bovina. Como medidas de caráter mais geral visando o aprimoramento da atividade podem ser citados estudos na área de tributação, tecnologia para maior aproveitamento de toda carcaça, comercialização, etc. Entretanto as medidas mais urgentes e de retorno mais imediato seriam: a) assistência técnica mais efetiva aos pecuaristas, com maior difusão dos conhecimentos já acumulados, objetivando melhor desempenho; b) estabelecimento de uma política de estocagem de carne mais criteriosa, que concilie as necessidades de abastecimento durante a entressafra, sem prejuízos para aqueles pecuaristas que se ajustam para produção racional de boi gordo no período de escassez; e c) política de crédito mais compatível com as expectativas da sociedade em relação ao desempenho do setor, ou seja, que seja dada ênfase aos aspectos de produção que induzam a elevação do desfrute, forma mais eficiente de se elevar a produção no menor tempo. Isto significa concentrar esforços visando sobretudo a redução da idade de abate de animais.

Por outro lado, o País não deve perder as posições já conseguidas no mercado externo. Inclusive deve continuar aproveitando, da melhor forma possível, a infra-estrutura industrial existente apta a atender os mais exigentes mercados do exterior. Nesse sentido redomenda-se ao Governo que se junte às pressões externas no sentido de forçar a maior liberação do comércio internacional. Estudos do Banco Mundial ⁽¹⁸⁾ indicam que, na década de 70, os preços recebidos pelos produtores agrícolas de numerosos países desenvolvidos estiveram entre 50% a 100% acima dos preços em vigor no mercado mundial, em decorrência da proteção recebida. No caso da carne bovina, o nível de proteção foi estimado em cerca de 80%. Nesse mesmo período o que o pecuarista brasileiro recebia representava 40% dos preços internacionais.

Estima-se que, com uma redução de 50% nas barreiras comerciais dos países desenvolvidos, a receita adicional dos países da América Latina seria de ordem de 2 bilhões de dólares, sendo que o Brasil, juntamente com a Argentina, seria um dos mais beneficiados com o aumento das exportações, sobretudo da carne bovina.

(18) World Development Reports, Agriculture And Economic Development. 1982. Washington, World Bank, 1982. pt.2.